

O que é língua falada e qual a sua gramática? Desfazendo alguns equívocos –
discussão acerca do texto de Marcushi.

Jesuíno Aparecido Andrade

Sabendo-se que a discussão a respeito da língua falada é um tema de relevância indiscutível na atualidade, seja pelo ponto de vista da investigação teórica ou pela aplicação prática, e diante da necessidade questionada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) de que se deve dar ênfase à oralidade em sala de aula, e ainda lembrando do que afirmava Mattoso Câmara (1969:10) nos anos sessenta do século XX de que tanto no Brasil como em Portugal não existia até aquela época estudos lingüísticos descritivos, percebe-se que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas de uma forma geral tem sido voltado preferencialmente para a gramática e a escrita. Diante disso, vale ressaltar que tanto a fala como a escrita são passíveis de variação e que Mattoso Câmara (1969:11) recrimina a escola por esta valorizar somente a escrita padrão e por preocupar-se em ensinar em primeira mão a língua escrita achando que o aluno já tem um domínio da oral. Para este autor, este posicionamento consiste em um equívoco, o aluno acaba sendo obrigado a aprender quase que integralmente a norma padrão; na concepção Mattosiana o ideal seria uma inversão, já que a escrita decorre da fala e a primeira só pode ser dominada e compreendida a partir do entendimento do funcionamento da segunda. O tratamento da oralidade é importante na escola, pois quando o indivíduo chega na mesma ele já a domina, fala e escrita não constituem dois sistemas lingüísticos diferenciados configurando duas gramáticas, recusa-se a tradicional distinção dicotômica, os únicos

aspectos dicotômicos existentes entre as duas modalidades referem-se a suas formas de manifestação física: A fala realiza-se pelo meio fônico e a escrita pelo meio gráfico. A partir dessas considerações, algumas premissas podem ser afirmadas em contraposição a opiniões tradicionais a respeito da relação língua escrita língua falada: Todas as línguas desenvolvem-se primeiro na forma oral, somente depois na escrita, assim, não há distinção quanto ao valor entre línguas ágrafas e línguas escritas, nenhuma língua está em crise e não é contundente a afirmação de que umas são primitivas em relação a outras, todas são complexas e nenhuma é imutável. Para Gerd Antos (1982) a língua falada não equivale à língua oralmente realizada, não se deve confundir oralização com oralidade, a primeira consiste em leitura em voz alta ou oralização da escrita, a segunda equivale à manifestação espontânea da fala. Blanche - Benveniste (2004: 13) fala de uma questão delicada no que se refere ver a língua como grafia (código gráfico) e a fala como som (código fônico), a autora não aceita essa simplificação, pois, segundo ela, essa visão mostra a escrita como um simples instrumento desprovido de existência autônoma e encarregado exclusivamente de fazer uma transposição da língua sem exercer nenhuma influência sobre ela; ainda para Blanche - Benveniste a escrita traz pelos menos três considerações importantes. A primeira do ponto de vista da “pertinência” da escrita ser diversa da fala já que esta tende a ignorar a heterogeneidade da produção oral, as pronúncias diversas e realizações fônicas variadas; a segunda tem a ver com o ponto de vista da “relação com o sentido”, este se instalaria na escrita com estabilidade devido a separação entre palavras com espaços em branco, o que não ocorre na fala. Por fim, a autora diz que a escrita seria um “meio de pertença cultural”, esta teria a propriedade de impor uma pronúncia padrão e uma estabilidade lingüística. É preciso dizer que a escrita não é

uma representação da fala na forma gráfica; Blanche - Benveniste alerta que o conceito de “código escrito” dado à língua escrita reduziu a sua função a um simples instrumento de transposição da oralidade, a escrita é mais que um código e tem carga histórica e cultural própria, assim como o som também tem, fala e escrita mantêm com a língua uma relação muito mais complexa do que a simples idéia de representação. É fundamental ter presente que as duas modalidades da língua (escrita e fala) se relacionam num contínuo de semelhanças e diferenças com algumas preferências, mas não com regras exclusivas. Não há classe gramatical exclusiva da fala ou da escrita. As diferenças entre as duas modalidades são da ordem do processamento e não da ordem do sistema. Questão delicada, mas importante, refere - se a definição de língua falada, há poucos estudos a esse respeito, uma tentativa de definição está no diz Schwitala (1999:16) citando Schank/ Schönthal: “ Língua falada é um discurso livremente formulado, espontâneo, produzido em situações comunicativas autênticas”. Essa definição precisa ser reformulada e acrescida de alguns elementos mais específicos. Assim, língua falada é toda produção lingüística dialogada ou monologada natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais, em condições de proximidade física, sem a interferência de meios eletrônicos. Outro aspecto relevante a ser questionado é o problema da variação, a mesma não é um fenômeno exclusivo da língua falada, esta permeia todos os níveis de organização e funcionamento da língua. Falando agora dos processos de textualização em que a fala está inserida e da noção de Unidade Comunicativa (UC), parto do principio básico de que a fala se dá no tempo real e em um espaço situacionalmente condicionado, a mesma é uma forma de produção textual interativa por excelência e por isso exige cooperação. Entre as noções de suma

importância para o tratamento da fala, estão além da Unidade Comunicativa (UC), a prospectividade e a retrospectividade. Além disso, devem se observar fenômenos como a introdução, ativação, desativação, reativação, continuidade, ruptura, posição e auto - e hetero - relação. Ao falar de todas essas questões, não estou me concentrando no código e sim nas atividades de processamento. Passo agora a falar dos aspectos mais importantes sob os quais podemos contemplar a fala, a princípio, aponto o tempo e o espaço, os organizadores de toda a estrutura dêitica da fala. Trata-se aqui da questão da produção em tempo real que se liga a presença física dos interlocutores. Ressalto ainda, a qualidade da voz de uma série de fenômenos, que no caso da produção oral constituem um sistema de múltiplos níveis em atuação. Dentre os fenômenos, vale citar: Marcador conversacional, repetição, correção, hesitação, paráfrase, elipse e anacoluto. Por fim, gostaria de deixar claro que a fala tem um modo próprio de textualização e se dá em gêneros tipicamente desenvolvidos, a mesma não mantém com a escrita uma relação dicotômica, o texto falado apresenta, seja qual for o nível de formação, procedência social ou identidade cultural do falante, um altíssimo grau de gramaticalidade. Portanto, a expressão “gramática da língua falada” poderia ser com vantagem substituída por “processos de textualização da fala”, com isso, teríamos um corpo doutrinário muito mais adequado para enfrentar os problemas típicos da fala no contexto da oralidade como um texto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARCUSHI, Luiz Antônio. **O que é língua falada e qual a sua gramática? Desfazendo alguns equívocos.** In: Congresso Internacional de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: 2004.